



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ÉRICO GUSTAVO SOUSA QUEIROZ

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO PARA A ASCENSÃO
E INCLUSÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS:
Um estudo de casos**

**SUMÉ - PB
2017**

ÉRICO GUSTAVO SOUSA QUEIROZ

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO PARA A ASCENSÃO
E INCLUSÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS:
Um estudo de casos**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do Campo do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Educação do Campo.**

Orientador: Professor Me. Erivan Silva.

**SUMÉ - PB
2017**

Q384m Queiroz, Érico Gustavo Sousa .

A música como instrumento para a ascensão e inclusão de deficientes auditivos: um estudo de casos. / Érico Gustavo Sousa Queiroz. - Sumé - PB: [s.n], 2017.

33 f.

Orientador: Professor Mestre Erivan Silva.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Educação de surdos. 4. Música e educação. 5. Surdez. 6. Surdos e música. 7. Música na escola. I. Título.


CDU: 376:78(043.1)

ÉRICO GUSTAVO SOUSA QUEIROZ

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO PARA A ASCENSÃO
E INCLUSÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS:
Um estudo de casos**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA:



**Professor Mestre Erivan Silva.
Orientadora – UAEDUC/CDSA/UFCG**



**Professora Mestre Denise Maria Duarte Coutinho.
Examinador I – UAEDUC/CDSA/UFCG**



**Professor Diego Bruno de Sousa.
Licenciado em Música pela UFCG**

**Maestro da Filarmônica Municipal Maestro Antônio Josué de Lima / Sumé – PB.
Examinador II**

Trabalho aprovado em: 21 de setembro de 2017.

SUMÉ - PB

AGRAGECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter me dado força e muita coragem para superar as adversidades que apareceram no meu caminho durante todo o tempo que estive nesta instituição de ensino. Quero, principalmente, agradecer aos meus pais Maria José e Eleonaldo que, fizeram tudo para que eu conseguisse chegar até aqui, as minhas irmãs Emily e Emanuelle e aos meus tios e tias, especialmente, a minha tia Maria das Dores que me ajudou muito no início do curso, ao meu primo Marco Antônio e a sua esposa Vanessa que me acolheram em sua residência desde o início do curso.

Quero fazer um agradecimento especial aos meus amigos de curso que me ajudaram desde o primeiro dia da minha turma 2012.1, turma esta que eu vou levar pra sempre no meu coração , os meus amigos Ismael e Guttyelsom e a todos os outros colegas de turma e, principalmente, aos da área de Linguagens e Códigos a cada um deles: Anderson, Edvania ,Claudiana, Isadora e, Jonnat que foi um dos meus entrevistados; a Viviane que por muitas vezes pude dar o meu abraço a ela quando ela precisou; a Valdecia e a Jaqueline. E a minha outra turma que me adotou: a turma de 2013.1. Quero agradecer, também aos meus irmãos Rafael, Leandro, a Mariana, Marília, Aline, Talita, Tatiane, Simone, Leone, Irise e a todos os amigos que fiz durante esses cinco anos.

Por fim, quero agradecer aos meus professores que tiveram paciência comigo, a todos e, como eu falo na LECAMPO, não existe uma relação professor e aluno, mas sim, uma relação de amizade. Quero agradecer a professores e professoras: Socorro, Isaac, Valéria, Mônica, Almir, Walberto, Denize Coutinho, ao professor Fabiano o qual, infelizmente, não paguei nenhuma disciplina, mas sei que a sua amizade é sincera; a professora Eliane que sempre esteve me apoiando no teatro, a professora Conceição, a Idel e a todos os meus professores. Mas eu não posso esquecer dela, uma das professoras mais queridas que o CDSA já teve, a professora Patrícia Costa que, sempre teve uma palavra para nos dizer pois, foi como eu disse para ela na sua despedida: você não é uma professora para mim e sim uma amiga, uma irmã que sempre estava pronta para nos ajudar a você Paty, o meu muito obrigado, e, por ultimo mas não menos, importante quero agradecer ao meu orientador, professor e amigo Erivan que está junto comigo nesta caminhada. Para todos vocês o meu muito obrigado aos verdadeiros guerreiros que lutam para que o nosso campus se desenvolva passando por cima de paus e pedras, mostrando o valor que tem o professor, pois foi por isso que eu abracei essa profissão que, por muitas vezes não é valorizada, mas se não tiver o professor não haverá educação.

“A música tem o poder de atuar intensamente no mundo interno da pessoa. Tal capacidade faz da música uma arte impar, uma experiência estética que mobiliza as possibilidades do indivíduo. Este se descobre capaz de criar e de expressar, por meio dela, emoções, sentimentos e estado de espírito.” **Nadir Hagiara-Cervelin**

RESUMO

Este trabalho vem falar sobre o papel da música como elemento de inclusão social, principalmente, na vida dos sujeitos surdos. Nesse contexto, fizemos uma pesquisa sobre a influência da música na vida de duas pessoas com surdez, as quais nos ajudaram nessa pesquisa através de um trabalho de campo. Isso me fez ver como a música está presente na vida dos surdos. A partir disso criamos uma questão, por que não existe uma Educação Musical para Surdos? Isso passou a ser o problema de pesquisa que norteou todo o nosso trabalho. Também pesquisamos um pouco sobre a Educação musical no Brasil, sobre a lei 11.769/08 que foi aprovada desde 2008 e que, em muitos lugares do país ela ainda não está sendo executada. Outro fato muito interessante é que o PCN de artes não trata a fundo o problema da inclusão dos deficientes, especialmente, auditivos através da música. Fato que me chamou muito a atenção, mas o foco maior do meu trabalho foi a questão da música na vida dessas pessoas que para muitos não escutam música. Assim, esse trabalho visar mudar a opinião de muitas pessoas que pensavam que os surdos e a música são caminhos por natureza excludentes.

Palavras chave: Surdez. Música. Educação.

ABSTRACT

This paper discusses the role of music as an element of social inclusion, especially in the lives of deaf individuals. In this context, we did research on the influence of music on the lives of two deaf people, who helped us in this research through field work. This made me see how music is present in the lives of the deaf. From this we have created a question, why is there no Musical Education for the Deaf? This became the research problem that guided all our work. We also researched a little about Music Education in Brazil, about Law 11.769 / 08 that was approved since 2008 and that, in many places of the country, it is still not being performed. Another very interesting fact is that the arts NCP does not deal in depth with the problem of inclusion of the disabled, especially, hearing through music. A fact that caught my attention, but the main focus of my work was the issue of music in the lives of those people who for many do not listen to music. Thus, this work aims to change the opinion of many people who thought the deaf and the music are ways by nature excluding.

Keywords: Deafness. Music. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
1.1	METODOLOGIA.....	09
2	A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS ESCOLAS	11
2.1	A EDUCAÇÃO MUSICAL COMO DISCIPLINA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS.....	11
2.2	OS PCNS: O QUE ELES NOS TRAZEM SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL NAS ESCOLAS	13
3	A MÚSICA E A SURDEZ NO CONTEXTO SOCIAL	17
3.1	BREVE HISTÓRICO SOBRE O PROCESSO DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL.....	19
3.2	A MÚSICA NA VIDA DOS SURDOS.....	21
4	RELATO ANALÍTICO DA EXPERIÊNCIA	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	31
	APÊNDICES	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no universo dos surdos e, mais especificamente, sua relação com o mundo da música. Trata-se de um estudo de casos realizado com duas pessoas que sofrem de surdez. Ambos possuem percentuais baixos de audição onde, uma apresenta apenas 10% da sua capacidade auditiva e, a outra não possui o ouvido do lado direito, mas noutro ouvido ele possui 100% da sua audição. Nesse contexto, iremos perceber como a música pode ajudar a vida dessas pessoas com deficiência auditiva e, como esses sujeitos fazem para superar suas deficiências através da música.

O motivo que me levou a escolher o tema da música como elemento de inclusão social foi por que eu sou deficiente visual e possuo baixa visão e, ainda mais porque a música sempre foi para mim uma forma de poder expressar todos os meus sentimentos e, de fazer com que as pessoas pudessem notar a deficiência de uma maneira diferente do que elas viam.

No primeiro capítulo, apresentamos o problema da Educação Musical que, se tornou obrigatória nas Escolas de Educação Básicas do país a partir da Lei Federal 11.769/08 (BRASIL, 2008). No entanto, essa lei que, foi aprovada no governo de Luiz Inácio Lula da Silva desde 2008, até hoje nunca foi colocada em prática na maioria das escolas do Cariri Paraibano. Ainda no primeiro capítulo, observamos também o que os Parâmetros Curriculares Nacionais nos falam sobre o ensino da Educação Musical nas escolas, e, principalmente, de como eles tratam o problema da inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de música dentro do contexto das escolas de educação básica no Brasil.

No segundo capítulo, fiz um breve estudo sobre a história dos surdos no Brasil e, bem como sobre a primeira escola para surdos que hoje é o Instituto Nacional de Educação dos Surdos. Nesse contexto, podemos identificar como a música pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e sociocultural dos surdos, bem como, e, até mesmo, como ela pode melhorar alguns fatores como a dicção. Seguindo, trataremos de um relato sobre jovens surdos que tiveram experiências com a música e que, essas experiências tiveram resultados distintos.

No terceiro e último capítulo, iremos relatar a nossa experiência de campo, a qual já falamos no início, demonstrando o quão importante é a presença da música na vida dos dois jovens pesquisados, bem como da relação que estes estabelecem com as suas famílias nesse contexto. Nesse interim, compreender o que a música significa para eles foi uma experiência muito especial para mim, pois sou deficiente visual e, sempre tive a vontade de trabalhar essa

questão da música como elemento de inclusão na vida das pessoas que têm deficiência. Com isso, podemos demonstrar que os surdos também fazem música e que, eles gostam de ouvir e sentir a música pulsando dentro deles de modo peculiar. Desse modo, esse trabalho nos leva para uma perspectiva importante sobre os surdos e a sua relação com a arte música, no intuito de poder afetar pessoas para o desenvolvimento de *ouvidos pensantes*¹ que, irão começar a escutar os seus filhos, amigos e aderentes surdos com os ouvidos do coração.

1.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa se configura de forma qualitativa, que segundo Antônio Carlo Gil (2012), a pesquisa qualitativa têm como preocupação central analisar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse tipo de pesquisa é uma das que aprofundam o conhecimento da realidade pesquisada. Essa perspectiva explica a razão e o porquê das coisas. Esse tipo de pesquisa se torna o mais complexo e delicado. Pode-se falar que o conhecimento científico esta ligado aos resultados oferecidos pelos estudos oferecidos.

Nessa direção, a pesquisa monográfica se utiliza de procedimentos descritivos da experiência com os entrevistados, tendo em vista que a descrição de uma experiência deverá buscar densidade nos fatos. Para Gil:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2012, p.28).

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa monográfica foi a entrevista a qual foi realizada de forma semiestruturada, em que eu realizei periódicas visitas nas casas dos entrevistados. De acordo com Gil:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2012, p.109).

¹ O termo *Ouvido Pensante* foi criado pelo, mundialmente referendado, compositor e educador musical canadense, Murray Schaffer. Termo este que deu título a sua mais importante publicação: *O Ouvido Pensante*.

A forma de coletar os dados através da entrevista foi muito interessante, pois eu procurei realizar uma entrevista em que os entrevistados ficassem bem à vontade durante o processo de interação dialógica entre o entrevistador e entrevistado. Segundo Gil:

Este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado (GIL, 2012, p.111).

Segundo, vale registrar a importância o fato de esta pesquisa ter se efetuado in loco, ou seja, no lugar de vivências dos entrevistados, onde podemos perceber, ao visitar suas residências e, conhecer de forma viva como se dá suas relações familiares e sociais. Assim, segundo Gil (2012) esse tipo de intervenção é o que ganha a nomenclatura de estudo Caso. O estudo de caso é caracterizado pela profundidade exaustiva de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. E foi através deste estudo de caso que pude me aproximar mais das pessoas que eu realizei esse estudo, tanto para mim quanto para os dois entrevistados esse estudo foi de uma experiência riquíssima, na qual nos aproximamos e vimos que esta pesquisa vai ter uma continuação e ela não vai só ficar na graduação, mas que ela vai se expandir para outros campos.

2 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS ESCOLAS

Iniciaremos este capítulo falando sobre a importância da Educação Musical nas escolas, abordando várias questões de caráter social com as quais a música exerce grandes influências transformadoras. Para Platão, e, todos os gregos, a literatura, a música e a arte têm grande influência na formação do caráter, e, seu objetivo é imprimir ritmo, harmonia e temperança à alma (FONTERRADA, 2008 apud NEVES, 2013, p.26). Segundo a autora, é por esse motivo que se torna necessário preservar estes aspectos como tarefa do Estado. É nessa perspectiva que, os gregos falam sobre a importância da música e das artes na formação consistente do ethos de um povo. Para eles, tais manifestações influenciam diretamente na formação holística do aluno perante a sociedade em que ele vive.

2.1 A EDUCAÇÃO MUSICAL COMO DISCIPLINA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

No Brasil, a Educação musical passou a ser obrigatória nas escolas de educação básica a partir de 2008 com a aprovação da Lei Federal 11.769/08 (BRASIL, 2008) que foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 18 de Agosto de 2008. Essa medida que tornou a Educação Musical como disciplina obrigatória no ensino fundamental brasileiro, busca o intuito de que todos os jovens possam ter direito ao ensino da arte música, independente do local de onde eles residam, seja na zona rural ou na zona urbana.

Contudo, mesmo a lei 11.769/08 (BRASIL, 2008) tendo sido aprovada no mesmo ano de sua publicação, ela ainda não conseguiu resolver o problema da ausência da música nas escolas da educação básica, ou por falta de professores especializados na área, ou porque não exista o interesse dos gestores das escolas, secretarias de educação ou dos núcleos de ensino que administram as escolas dos municípios brasileiros. Essa discussão vem sendo travada a bastante tempo por associações e organizações não governamentais que visam fazer com que a música esteja presente e seja mais inclusiva nas escolas. De acordo com a ABEM² (p.25), a aprovação da lei foi sem dúvida uma grande conquista para a área de Educação Musical no país. Todavia, há também grandes desafios que precisam serem enfrentados para que possamos, de fato, termos propostas consistentes de ensino de música nas escolas de educação

² ABEM(Associação Brasileira de Educação Musical) é uma entidade nacional, sem fins lucrativos, fundada em 1991, com o intuito de congrega profissionais e de organizar, sistematizar e sedimentar o pensamento crítico, a pesquisa e a atuação na área da educação musical.

básica. Com essa aprovação veio também alguns problemas, pois sabemos que a maioria dos músicos não participaram de uma formação acadêmica sobre o ensino da educação musical, haja visto, muitos deles, aprenderam a tocar um instrumento musical de forma informal, não que isso não seja importante, mas, não podemos colocar os músicos em sala de aula para ensinar uma disciplina que, provavelmente, apenas trará bases práticas, quando compreendemos que a teoria se faz necessária para a construção do conhecimento.

Nessa direção, se pesquisarmos sobre o ensino de música no que tange a alguns municípios do Cariri da Paraíba, a exemplo de Serra Branca – PB, pelo que pode ser observado, não existe essa disciplina na grade curricular das escolas da rede pública de ensino deste município. Entretanto, detectamos um ensino de música dentro do projeto do governo federal, **O Mais Educação**³, o qual contemplava apenas uma oficina de música, desenvolvida no contra turno do horário que os alunos têm aula. Mas essas aulas de música são de caráter prático, com ensinamentos meramente de aprendizagem de instrumentos musicais, como: violão, teclado, instrumentos de percussão e alguns instrumentos de sopro. Porém, infelizmente, esses ensinamentos são de caráter provisório. Assim, percebemos que não há a disciplina de Educação Musical efetivamente na grade curricular na cidade de Serra Branca, mas apenas uma oficina que, mesmo assim não atende aos parâmetros de uma educação musical contextualizada e, nem tão pouco a todos os alunos. Esses são alguns dos problemas que temos de enfrentar para que o ensino de música seja efetivado nas escolas de educação básica no Brasil de forma consistente.

Contudo, aqui nesse trabalho, quero problematizar ainda mais esse contexto da Educação Musical nas escolas de ensino fundamental, apresentando a questão que norteia esse trabalho: Porque não existe uma educação musical inclusiva e, conseqüentemente, exclusiva para surdos? Nosso intuito não será solucionar tal problema, mas contribuir para o despertar de novas pesquisas e questionamentos, principalmente, aqui no contexto do Cariri Paraibano e, com isso possamos encontrar meios, em parceria com os estudiosos sobre a surdez, que venham solucionar tal problema.

³ O programa Mais Educação, ofertado pelo Ministério da Educação (MEC), tem o objetivo de melhorar o ambiente escolar, oferecendo atividades nas áreas de acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e arte, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica. O programa prioriza instituições de ensino localizadas em capitais e regiões metropolitanas que têm baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). O programa é realizado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade .

2.2 OS PCNS: O QUE ELES NOS TRAZEM SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA NAS ESCOLAS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos trazem uma nova perspectiva sobre o ensino de música e, nos coloca a refletir como se tem realizado esses direcionamentos no que diz respeito à Educação Musical nas escolas.

Dentro dos PCN a música está incluída dentro dos conteúdos genéricos das artes, pois as disciplinas como música, teatro, artes visuais e dança não são trabalhadas nas escolas de forma separadas na perspectiva dos PCN. Isto causa um outro problema, uma vez que as escolas de educação básica não possuem professores suficientes para atender a demanda que é solicitada, visto que, os professores de arte não irão trabalhar só com as disciplinas pelas quais estão habilitados a lecionar. Cabe ao professor de artes ser responsável por lecionar todas essas disciplinas e, ainda ter que trabalhar na ornamentação das datas festivas escolares e etc. Isso nos revela assim, a problemática da polivalência, a qual obriga os professores a desempenharem várias funções dentro do campo do ensino das artes. Ainda assim, temos também o problema que é o de desvio de função, onde professores específicos de outras áreas, principalmente, formados em pedagogia, são incumbidos de desempenharem atividades na área de artes e, com isso, negando o direito de um acesso mais coerente por parte dos alunos que necessitam dessas aulas desempenhadas por profissionais habilitados, inclusive da música. No entanto, no tocante a esses problemas da polivalência e desvio de função, não iremos nos aprofundar, pois só o apresentamos brevemente aqui para constatar o quão difícil está a situação atual da escola brasileira que, cresceu em quantidade sem primar pela qualidade.

Desse modo, além desses problemas acima citados, ainda temos um outro grande problema que é justamente o meu foco, a inclusão dos surdos nas aulas de música, uma vez que esses, costumeiramente, podem ser percebidos como naturalmente desabilitados para o exercício da música. No entanto, nossa pesquisa aponta para que, o problema pode estar justamente na falta de profissionais habilitados para tal público alvo, pois essa demanda de “surdos ouvintes” é uma realidade que não pode ser mais desprezada. O que estamos chamando de audição ou escuta surda para a música é capacidade que esses têm de perceber a música através de vibrações. Assim, acreditamos que esse pode ser o caminho para se ter uma educação musical para surdos que valorizem a forma de como estes podem compreender os sons, ou seja, de como os sons os afetam. Serão necessárias mais pesquisas que valorizem as

habilidades por parte dessa demanda de surdos que convivem com a música e que, a partir disso possamos ter uma formação específica de professores de música para essa realidade existente na vida dos surdos. Com isso, entendemos que os surdos vêm apreciando a música a partir de suas formas de assimilações próprias e, são justamente essas formas de assimilações que podem nos fornecer subsídios para o desenvolvimento de uma pedagogia apropriada para esses sujeitos. Segundo Helena Coelho:

A energia enviada pelo cantor por intermédio das vibrações sonoras de sua voz “toca” de forma fisicamente mecânica o tímpano do ouvinte. Mas não só o tímpano. Todo o corpo do cantor é uma fonte sonora esférica e todo o corpo do ouvinte é um receptor sonoro imerso no campo dessas vibrações. Assim sendo, falar/cantar e escutar é uma espécie de “toque absoluto” (COELHO, 1991, p.32).

Desse modo, podemos perceber o quão os surdos podem assimilar esses “toques” através das vibrações que podem percorrer todo o corpo do ouvinte e, principalmente, da escuta surda que se dá, principalmente, através das vibrações..

Nessa direção, acreditamos que a inclusão dos alunos que apresentam alguma deficiência é papel de toda a sociedade, inclusive a escola, a qual muitas vezes se nega a criar meios para possibilitar a inclusão que pretendemos. Mas qual é a inclusão que queremos? Aquela que a escola trata o aluno deficiente como um “coitado”, ou aquela que ressalta as diferenças, desenvolvendo meios de integrar e promover a socialização de todos os indivíduos que compõe o público heterogêneo de uma escola? No Brasil no dia 6 de Julho do ano de 2015 foi aprovada a Lei Brasileira de inclusão de pessoas com deficiência: Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015). Essa lei, veio para nos trazer os direitos que as pessoas com deficiência possuem, fornecendo vários artigos que visam ajudar as pessoas com deficiência a garantirem uma acessibilidade melhor nas escolas, nas ruas, shopping centers e em outros locais em que elas frequentam. A lei traz em seus artigos várias questões que são debatidas na sociedade civil como, a questão das vagas prioritárias nas filas de banco, hospitais e em repartições públicas.

Desse modo, na educação esses direitos também foram assegurados, pois é nesse âmbito que muitas dessas pessoas com deficiência sofrem com o preconceito. Sabemos que, dentro da própria escola através dos alunos e, muitas vezes dos próprios professores existem discriminações com os deficientes. No entanto, no artigo 28 da lei acima citada, todos os direitos que as pessoas com deficiências devem ter, nos fala que, é dever do poder público: Assegurar, Criar, Desenvolver, Implementar, Incentivar, Acompanhar e, Avaliar. Nesse

sentido, fizemos uma pequena análise dos três primeiros itens contextualizando-os com o nosso problema de inclusão:

- 1) Assegurar: isso a lei de forma forçosa busca sanar o problema da inclusão como um todo.
- 2) Criar: Esse seria o item mais importante no que diz respeito a uma educação musical voltada para surdos. Para tanto, reforçamos que serão necessárias pesquisas que nos tragam subsídios para o desenvolvimento de metodologias adequadas para a audição musical dos surdos. O maior exemplo de criação e inclusão para surdos é a Linguagem Brasileira de Sinais, LIBRAS.
- 3) Desenvolver: Esse item da lei também nos aparece como bastante significativo para o nosso problema, pois, bem como foi criada e desenvolvida a linguagem de LIBRAS, acreditamos ser possível atender a demanda de surdos que se interessem por música como veremos nos exemplos dos nossos pesquisados.

Desse modo, fica claro que essa obrigação de inclusão que enfocamos não exclusividade do professor de artes e nem tão somente da gestão da escola, pois nos leva a questionamentos mais profundos que passam pela formação dos professores de Educação Musical nas nossas universidades. No entanto, nossa pesquisa não abrangeu profundamente os cursos de música de todo o país mas, sabemos que os cursos de educação musical das nossas universidades paraibanas não possuem essa área específica de formação de educadores musicais para surdos, pois sabemos que isso é um problema ainda em debate já dentro da área de educação musical brasileira, visto como um grande desafio. Para Nídia Regina Limeira de Sá:

Alerta a que muitas abordagens na Educação Musical desconsideram as marcas culturais surdas, dão a impressão de que se está forçando o surdo a participar de algo que não leva em conta suas características biológicas, que atenta contra sua identidade, que não considera a cultura surda. Defende que o objetivo de ajudar o surdo a conhecer a importância da música há que demandar um trabalho diferente daquele que se realiza com os ouvintes (SÁ, 2002, p. 32).

A música como um instrumento de inclusão na vida das pessoas com deficiência tem o poder de proporcionar e ampliar os espaços que estes e estas podem ocupar na vida social. Espaços esses que, por muitas vezes nos é negado por boa parte da população. Existe uma grande diversidade de pessoas com deficiência que o ensino de música já abriga. No entanto, há uma diversidade de deficiências e, uma das mais problemáticas sem sombra de dúvidas

dentro dessa diversidade é a nossa demanda de surdos que, possuem um tipo específico de escuta musical⁴. Esse possível ensino se torna bem diversificado para Maura Penna:

Como reconhecer, acolher, e trabalhar com a diversidade cultural no processo pedagógico? Esta é uma discussão que se coloca para todas as áreas de conhecimento que integram o currículo escolar, como um desafio constante na construção de uma educação realmente democrática, em um país multifacetado como o nosso (PENNA, 2010, p.81).

A música está inserida no nosso cotidiano de maneira intensa nos vários setores da nossa vida e, é por isso que escolhemos esse tema na vida dos sujeitos surdos, pois sabemos que essa arte de combinar sons tem a capacidade de transformar a vida desses indivíduos dentro da sociedade na qual eles vivem. Com isso, acreditamos que através da música os surdos poderão interagir melhor nesse mundo em que os deficientes muitas vezes são tratados como coitadinhos que são dignos de pena e, não é assim que nós que somos deficientes queremos ser vistos pela sociedade. Esses sujeitos também escutam música da sua maneira.

Para Limeira de Sá:

Estamos vivendo um tempo em que, infelizmente, é quase um paradigma a idéia de que os surdos têm que ser incluídos em escolas regulares (a despeito da resistência que esta ideia traz em alguns fóruns de discussão acadêmica e política). Ora, por que não podemos pensar numa proposta para a Educação Musical de surdos feita em espaços exclusivos, ou seja, tendo como alvo apenas os surdos – seja na escola, seja na associação, seja em cursos, seja em oficinas? O que nos impede de pensar em estratégias exclusivas para eles, estratégias que atendam às suas necessidades de um trabalho eminentemente visual? (SÁ, 2002, p. 35).

No próximo capítulo, iremos falar sobre o poder que a música tem na vida das pessoas com deficiências, principalmente, dos deficientes auditivos. Falar sobre a música na vida desses sujeitos vai ser de um grande aprendizado, pois para muitos, os surdos vivem em um mundo distante do nosso e que, a cabeça deles não sente e nem pensa música, ou seja, uma cabeça vazia. Justamente por isso, foi que nós escolhemos esses sujeitos para falarmos sobre como a música os afeta e, conseqüentemente, da inclusão destes num processo de Educação Musical Exclusiva e Inclusiva.

⁴ Reforçamos que o que chamamos de escuta musical dos surdos é justamente a habilidade destes sentirem a ritmicamente a música através de vibrações. Isso, para nós se configura como uma escuta rítmica detectável e possível de ser ampliada.

3 A MÚSICA E A SURDEZ NO CONTEXTO SOCIAL

Como já falamos no capítulo anterior: Como será a musicalidade na vida dos surdos? No entanto, muitos podem pensar: como assim, música para surdos?! Se falarmos isso para um surdo ou quem os conhece, convive e trabalha com eles, logo irão saber exatamente do que nós estamos provocando. Não só a música, como todas as artes podem e devem ser acessíveis para todos que queiram apreciá-las. Para os surdos, a música pode ser sentida de dois jeitos diferentes: ou por meio das vibrações ou com um interprete de LIBRAS. Assim, a música faz com que todas as pessoas com deficiência ou não possam se sentir, a partir de umas das belas criações humana, unidas por essa arte que encanta a todos.

Para algumas pessoas, verem uma pessoa surda tocando um instrumento musical causa certo assombro, por isso é que eu realizei algumas perguntas para alimentarem o problema da nossa pesquisa: Por que tanta estranheza a se propor música para os surdos? É possível se desenvolver uma educação musical para surdos? Como será possível desenvolver essa proposta? Essas questões nortearam a nossa pesquisa. Para Hagiara-Cerveline

Pensando a questão da música na educação do surdo, posso afirmar que nenhum desses métodos prevê seu uso como fonte de prazer ou de realização humana. Ela pode estar presente nos currículos das escolas especiais, mas o que se constata é a sua utilização como instrumento de estimulação auditiva, visando ao aprimoramento da fala, seu ritmo e entonação (Hagiara-Cerveline, 2003.p 39-40)

Essa é uma das posturas que estamos questionando, pois as escolas que utilizam a música para desenvolver a fala e a comunicação do sujeito surdo pensam que estão contemplando um ensino de Educação Musical contextualizada para surdos. Ao nosso ver, a música pode ser utilizada não só para desenvolver a fala, mas também os seus outros sentidos, fazendo com que o surdo saia da sua zona de conforto e, com isso, demonstrando para as pessoas que são ouvintes que, é crucial abandonar essa visão preconceituosa que se tem dos surdos, pois o sujeito surdo não é uma pessoa doente que não pensa e não tem sentimentos, muito pelo contrário, os surdos possuem sentimentos e talentos para realizarem qualquer atividade artística como música, teatro, dança e artes visuais. Para Limeira de Sá:

No entanto, se se vai usar a música como apoio para o alcance de outros objetivos, como a melhora da fala, que isto seja dito ao surdo, para que ele não fique com a impressão de que “aquilo” é tudo o que ele pode vivenciar sobre música. A utilização mecânica da música em sessões de “terapias”, as meras apresentações artísticas com instrumentos, minimizam as possibilidades de desenvolver o interesse pela música. O princípio subjacente é: conhecer música é um direito que os surdos têm, mas compete aos profissionais da área atraí-los, convencê-los, sensibilizá-los, encantá-los. Não se dá assim com toda a Educação? (SÁ, 2002, p. 40).

Seguindo, na minha infância eu tive um amigo que era surdo e, ele frequentava a escola como todos os outros. No entanto, a escola não possuía o ensino de LIBRAS mas, através de uma música da Xuxa que ensinava o alfabeto em LIBRAS ele se comunicava com todos nós por meio deste artifício. Mas, não é sobre isso que quero falar, pois o fato que me chamava muito a atenção nessa pessoa surda é que, ele “cantava do seu jeito”, mas, que todos nós que estávamos a sua volta entendíamos a música que ele “cantava”. Era a música dos presidentes. Essa música era uma crítica aos candidatos a presidentes do Brasil na primeira eleição direta para presidente da república e, ele por ouvir o som dessa música passando na televisão cantava ela do seu jeito. Desse modo, podemos perceber o quanto a música pode nos revelar muitas verdades sobre esses sujeitos, inclusive, de como estes percebem e sentem a música através de vibrações sonoras. De acordo com Hagiara-Cervellini (2003.p 71)

A música envolve o homem desde sempre. Ela lhe é dada pela própria natureza que, prodigamente, a distribui por todos os tempos e espaços. Há milhões e milhões de anos as águas dos rios, dos mares e das chuvas compõem infindáveis sonoridades musicais. Os ventos, os trovões, o farfalhar das folhas das árvores, as vozes dos animais, o canto das árvores dançando o jogo dos ventos, são presenças na natureza que a preenchem de uma musicalidade sem fim (HAGUIARA-CERVELINE, 2003.p 50)

A autora nos mostra o quanto a música está presente na vida do homem e em todo o seu redor. É essa força que nos leva a explorar os diversos e variados sons. São esses sons que fazem com que os surdos tenham uma perspectiva verdadeira e real do que a música pode realizar nas suas vidas. É por causa das vibrações intensas que os surdos podem escutar música e podem definir os sons se eles são graves, ou, agudos e, principalmente, a ritmicidade. Sendo assim, os surdos podem fazer música? Assim como o meu amigo que cantava a música dos presidentes? Ou, como outros surdos conseguem identificar uma música e ou uma distinta banda através de sua forma de ouvir? De certo que não iremos responder a tais perguntas mas, queremos participar desse importante debate e suscitar questionamentos para aprofundamento e resolução desse problema. Essas provocações nos levaram as nossas investigações. Sobre essa musicalidade e sobre a música que os surdos realizam no seu dia a dia no intuito de aprender como a música ultrapassa essas barreiras na vida dos surdos.

3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O PROCESSO DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

A história dos surdos no Brasil vem sendo trabalhada desde o Século XVI e, até hoje ainda vem sendo discutida desde o “descobrimento” do nosso País. Segundo Cordova & Tacca:

A educação de surdos, em tempo de inclusão, tem se tornado objeto de muita polêmica. Apesar disso, segregada ou não, já vem sendo realizada há muitos Séculos. No início, considerava-se que os surdos não conseguiam aprender por causa da limitação auditiva. Desde o Século XVI, no entanto, tem-se conhecimento de iniciativas de ensino às crianças surdas. Por essa época, já se fazia uso de sinais para possibilitar a comunicação e a compreensão, mas só a partir do século XVIII, na França, o abade Michel de l'Épée criou os “sinais metódicos”, uma combinação dos sinais com a gramática francesa, com objetivos de ensiná-los a ler e escrever. Aprendeu os sinais metódicos com mendigos surdos nas ruas, para poder repassá-los às crianças surdas que pertenciam à nobreza. (CORDOVA & TACCA, 2011 .p 175).

Nesse contexto, foi na França do século XVIII onde se deu início a criação dos primeiros sinais para uma busca de uma comunicação entre ouvintes e não ouvintes que, foi criado pelo abade francês Michel de l'Épée. Esses sinais foram as primeiras tentativas de educar os surdos na França e, foi com os mendigos que ele resolveu fazer a sua experiência, ou seja, com aqueles que viviam a margem da sociedade. Posteriormente, quando ele viu que o seu método estava dando certo, iniciou o trabalho com as crianças que faziam parte da nobreza.

Nessa direção, a França foi o primeiro País do mundo a desenvolver um método para ajudar os surdos no processo de comunicação com as pessoas ouvintes. Claro que nem todas às crianças que não faziam parte da nobreza tinham a mesma oportunidade que as crianças nobres. No Brasil, o ensino das línguas de sinais teve o seu início no século XIX trazido pelo Imperador D. Pedro II no ano de 1855 quando trouxe o professor Édouard Huet que, em 1857 funda a escola que hoje é chamada de INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos, que trabalha com pessoas surdas e ajudam a essas mesmas a se desenvolverem e enfrentarem o mundo que os espera. No Brasil, a aprendizagem dos surdos sempre foi complicada, uma vez que, para as escolas a aprendizagem só se fazia através da fala como citam Cordova & Tacca:

A premissa de que falar é condição para escrever impediu o desenvolvimento escolar de inúmeros alunos surdos, muitos dos quais abandonaram a escola depois de sucessivos fracassos, ainda que tivessem potencial intelectual perfeitamente compatível com o avanço acadêmico (CORDOVA & TACCA, 2011 .p 186).

As escolas no Brasil durante muitos anos sempre trataram os alunos com deficiência auditiva de maneira indiferente, porque nessas escolas não tinham professores preparados para trabalhar com esses alunos e, isso fez com que boa parte dos alunos surdos desistissem de frequentar o ambiente escolar. Hoje em dia, as escolas já conseguem lidar com esses problemas e, já existem escolas especializadas na educação dos surdos. De acordo com Cordova & Tacca:

As possibilidades educacionais para surdos, na atualidade brasileira se concentram em escolas majoritariamente. Existem escolas para surdos, com prevalência de Libras como língua dominante. Existem também escolas para surdos cuja orientação metodológica é oralista. A decisão acerca de qual contexto educacional a criança deverá frequentar cabe, sem dúvida, aos pais. (CORDOVA & TACCA, 2011 .p 190).

Desse modo, cabe aos pais dessas crianças escolherem o tipo certo de escola que o seu filho irá estudar, pois vai ser nesta escola que o seu filho irá se desenvolver e terá o início de sua vida dentro da escola. É preciso observar o desenvolvimento escolar da criança surda, bem como é o seu relacionamento com as outras crianças. Nessa direção, o aprendizado da língua de sinais por parte das crianças é fundamental, para que elas possam se comunicar com às outras crianças e com os seus professores. Por conseguinte, esse aprendizado fará com que as crianças possam se comunicar com os seus pais, e demais familiares, pois o ensino da LIBRAS se faz fundamental para que o sujeito surdo possa se relacionar com às outras pessoas como afirmam Cordova & Tacca:

A influência benéfica do falante nativo de Libras (adulto surdo) no aprendizado desta é inquestionável. Gradativamente, vão surgindo experiências de substituição no ensino de Libras do professor especializado, com poucas horas de estudo da língua, por professores surdos contratados, com curso de formação de professores. Nas escolas inclusivas, esses professores ou instrutores contratados atuam como professores de apoio, esclarecendo dúvidas de sinalização aos professores, ensinar Libras a crianças surdas e ouvintes, além de desenvolverem trabalho com os pais. (CORDOVA & TACCA, 2011, p.196/195).

Nesse sentido, reforçamos que o ensino de LIBRAS se tornou uma ferramenta indispensável na educação dos surdos, pois facilita a sua comunicação com os sujeitos ouvintes e surdos. É preciso que as escolas que não são inclusivas, “escolas normais”, e que, nessas escolas estejam matriculados alunos que são deficientes auditivos, contratem sempre o intérprete para que ele possa auxiliar a criança surda e também o professor com os seus alunos. Nesse contexto, eu quando paguei a disciplina de LIBRAS na UFCG/CDSA, tive muitas dificuldades, pois a professora era surda e nós não tínhamos um intérprete para nos ajudar na comunicação, principalmente, porque eu tenho deficiência visual. Para mim, foi

muito difícil, mas tive a ajuda dos colegas de sala e, no final consegui superar todas as dificuldades que tive durante esse período, inclusive de preconceito. De acordo com Cordova & Tacca:

Não subestimamos, de modo algum, a necessidade de garantir os adequados suportes materiais e técnicos na educação das pessoas com deficiências, porém esse importante fator deve integrar-se numa perspectiva mais ampla, dada a reconhecida complexidade da aprendizagem escolar (CORDOVA & TACCA, 2011, p. 238).

Brevemente, vimos o quanto a linguagem de sinais, LIBRAS, vêm sendo uma importante facilitadora para a comunicação dos surdos com o mundo dos ouvintes e não ouvintes. No entanto, acreditamos que, mesmo sendo importantíssima para a vida dos surdos, LIBRAS não se mostra suficiente no que diz respeito a uma possível Educação Musical Exclusiva e Inclusiva para Surdos. Contudo, essa importante linguagem se apresenta como um motor de motivação para o desenvolvimento de mais ferramentas facilitadoras para a vida dessas pessoas. No próximo tópico, iremos ver como a música vai contribuir com os surdos na sua comunicação e, como eles conseguem conhecer os elementos musicais.

3.2 A MÚSICA NA VIDA DOS SURDOS

Todos nós sabemos o quanto a música mexe com a nossa vida: com o surdo acontece da mesma forma. No entanto, alguns métodos servem tão somente para incentivar e tentar melhorar a sua voz e o uso das suas cordas vocais através das vibrações das notas musicais. Desse modo, podemos observar que essa forma de usar a música, como meio de aprimoramento da fala, pelos pais e professores de crianças, adolescentes e de jovens surdos, busca fazer com que esses indivíduos possam ter uma vida melhor, mas, ao mesmo tempo, aponta que, para muitas pessoas os sujeitos surdos por não ouvirem, conseqüentemente, não devem ter uma vida musical mais ativa e inclusiva de um modo mais intenso e criativo. Assim, isso acaba deixando o surdo sem querer aceitar que ele também pode gostar de praticar música do seu modo, pois cantar, por exemplo, não é só ter uma voz linda e afinada e alcançar notas graves e agudas que vão as alturas. Para Hagiara-Cervellini

Esse canto sempre foi direito de todos os homens. E todos cantavam. Mas, com o desenvolvimento das sociedades, com a evolução do conhecimento e a diversificação das atividades humanas, o homem foi se afastando cada vez mais de uma série de práticas que lhe eram tão próprias e se restringindo a atividades mais específicas, caminhando em direção às atuais especializações (Hagiara-Cervellini 2003, p.114).

Ainda para (Haguiara-Cervelline, 2003), o surdo deve entender a importância dos usos e funções da música no decorrer da história da humanidade, visto que, isso não deve ser negado para ninguém e muito menos para essas pessoas. Todavia, para o surdo chegar a uma atividade prática com a música não é tão fácil como se imagina. Porém, alguns cientistas vêm desenvolvendo pesquisas e observando métodos que podem fazer com que os sujeitos surdos descubram que também podem ter uma vida musical ativa, apesar de terem uma deficiência complicada para realizar tal tarefa. Nessa direção, no livro de Haguiara-Cervellini, em que realizei parte dos estudos, a autora traz uma experiência que ela realizou com um jovem que conseguiu encontrar o seu canto através da música indígena. Ainda no mesmo livro, a autora descreve outra experiência que uma outra pessoa teve com o seu pai ao piano, em que ela conseguiu distinguir o som das notas graves e agudas. Para essas famílias, principalmente, para os pais, verem a evolução dos seus filhos no simples fato deles conseguirem cantar e reconhecer as notas musicais no piano ou em outro instrumento musical foi fascinante. Ainda nessa perspectiva, Haguiara-Cervellini descreve sobre um jovem surdo chamado de Fabiano por ela pesquisado:

O fato de Fabiano comprar os próprios CDS mostrava o seu real interesse pela música. Essa é uma prática comum na adolescência. O jovem vai atrás daquilo com que se identifica e a busca da música nessa fase é uma constante. (Haguiara-Cervellini, 2003, p.143).

Assim, essa independência que o jovem Fabiano tem em sair para comprar os seus próprios CDS como fazem os garotos da sua idade fez com que os seus pais pudessem ver que, apesar da sua deficiência poderia levar uma vida normal e que, não haveria nada para atrapalhar o seu desenvolvimento porque a música estava o ajudando a se desenvolver dentro de uma sociedade que, não aceita com facilidade as pessoas que tem algum tipo de deficiência.

Apesar de tudo, sabemos o quão é difícil a inclusão dos surdos na música. Para Haguiara-Cervellini (2003. P 80), um dos problemas mais graves é justamente a ideia de enquadramento de como os surdos devem aprender música sem levar em consideração suas condições particulares. Segundo a autora, parte desse problema pode ser detectado em algumas pesquisas positivistas realizadas com o objetivo de verificar a musicalidade na infância das pessoas surdas pois, são exatamente essas pesquisas que, por muitas vezes fazem com que as crianças surdas se desestimulem e não queiram mais se envolver com música quando são vistas como inaptas. É por isso que, possivelmente, muitas pessoas surdas não

queiram se envolver com a música. Porém, o contato das crianças com a música desde cedo faz com que elas possam ter um aprendizado maior, mas, essa forma de contato deve considerar o modo como esses pequenos sentem a música, principalmente, os surdos. Sabemos que é desafiador, mas a ciência se move por desafios. De acordo com Haguiara-Cervellini (2003, p.80)

A qualidade da produção sonora de uma criança é diferente se ela teve contato com a música. O desenvolvimento corporal, afetiva e psíquica também estimula o desejo infantil de cantar. Quando começa a aprender a andar e a adquirir novos conhecimentos, começa a separar a fala do canto. (HAGUIARA-CERVELINI, 2003, p.144).

As crianças de um modo geral começam a construir as suas produções sonoras ainda muito cedo, com as suas primeiras palavras, ou com o seu balbúrdio que elas fazem durante os seus primeiros meses de vida. Já as crianças surdas muitas vezes não conseguem produzir essas sonoridades. Todavia, os pais só conseguem perceber que existe algo de errado com os seus filhos quando eles vão começando a querer falar as primeiras palavras e elas não conseguem ouvir o que os seus pais estão falando para eles. Para os surdos, essa produção sonora com muita dificuldade, desde cedo apresenta peculiaridades próprias advindas de como estes participam do mundo dos sons.

Nessa direção, podemos perceber que desde cedo a música pode agir de modos muitos distintos na vida dos surdos. Mesmo assim, uma das peculiaridades mais marcantes na vida musical dos surdos é a percepção das vibrações, principalmente, das frequências mais graves. Acreditamos que isso pode ser uma forma de sentir/ouvir música. É justamente desse ponto que pensamos numa partida para o desenvolvimento de uma Educação Musical para os surdos que, só se dará a partir do contato direto com eles, ou seja, a chave do problema está com os surdos, de como eles se relacionam com a música. Para Limeira Sá:

Em verdade, diversos surdos têm manifestações não apenas rítmicas, mas até melódico-vocais, sim. Há surdos, mesmo com surdez profunda ou severa, que chegam a “cantar” as músicas das quais decoraram a letra, principalmente quando estão sozinhos ou quando estão num grupo que está cantando aquela melodia conhecida. Há surdos que criam frases melódicas e se divertem com isto. Cantar, tocar, conhecer e entender a música é um direito que os surdos têm, caso assim o queiram (SÁ, 2002, p. 40).

Seguindo, em uma das minhas experiências, perguntei a minha entrevistada como ela conseguia decifrar os sons das músicas que ela ouvia. E ela me disse que não havia um instrumento em particular, mas sim todos os instrumentos. Seguindo, ela me falou também que gostava só de ouvir os instrumentos e, não gostava de ouvir as vozes dos cantores mas, só a parte instrumental.

Fica claro que as experiências são várias e devem ser levadas em consideração por pesquisadores em Educação Musical e LIBRAS, bem como de outras áreas que possam contribuir para essa problemática de se ter uma Educação Musical Exclusiva e, conseqüentemente, inclusiva.

No próximo capítulo, iremos demonstrar parte das nossas experiências de campo com os nossos entrevistados que, foram as pessoas que provocaram indiretamente essa pesquisa a partir de suas vivências ativas com o mundo da música.

4 RELATO ANALÍTICO DA EXPERIÊNCIA

Nesse capítulo, iremos trazer a experiência que tivemos com duas pessoas surdas, a entrevista que fizemos com elas, as suas experiências durante a sua infância e como a sociedade agiu com essas duas pessoas extremamente musicais.

A música teve um papel fundamental na vida dessas pessoas, pois esta fez com que eles pudessem abrir uma porta de entrada na sociedade dos ouvintes por excelência biológica. A música tem um papel social importante, pois ela pode abrir portas para aquelas pessoas que não tem uma oportunidade na vida. Desse modo, ela funciona como um mecanismo de ajuda para as pessoas e, principalmente, para aquelas que estão excluídos da sociedade. Para John Blacking

O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana. Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da “música”, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações (BLACKING, 2007, p. 21).

A música vem agindo nas vidas de muitas pessoas como um elemento que contribui para a inclusão. Ela tem o poder de transformar a vidas, principalmente, dos sujeitos que têm deficiências que, passam a serem incluídas dentro da sociedade. Em todas as culturas os deficientes que têm se destacado na música são muitos, como os exemplos que podemos citar: Ray Charles, Steve Wonder nos EUA e, no Brasil a cantora Katia, Hermeto Pascoal dentre vários outros artistas. Essas pessoas se destacaram nos seus países e pelo mundo afora levando a sua cultura para todo o mundo, apesar de alguns deles não se encontrem mais vivos mas o seu legado serve de exemplo para cada um de nós que temos deficiência visual, auditiva, mental e de locomoção.

Realizamos as entrevistas com duas pessoas, uma que é parcialmente surda e a outra que é praticamente surda possuindo apenas 3% da sua audição. A entrevista foi semiestruturada, na qual realizamos perguntas para eles nos que falassem de suas vidas desde à infância, passando por outras fases e, suas relações sociais com familiares e amigos.

A primeira entrevistada Jailma. Ela que perdeu 90% de toda a sua audição. No primeiro momento eu pedi para que ela me falasse da sua infância e da sua adolescência.

Também pedi para o outro entrevistado falar sobre a mesma coisa e os relatos que eles me fizeram foram estes:

Jailma

Nasceu no dia 4 de junho de 1982, gozando de boa saúde, mas em pouco meses, sem ter ainda um ano de vida, seu castelo se desmoronou, seu choro incessante dia e noite levaram ao desespero de seus pais, levaram a vários médicos de várias cidades porque notavam algo de estranho em seu comportamento, sempre triste e calada e bem diferente dos outros. Porque não escutava, restavam pouco ou quase nada de sua audição, estava bem comprometida e a medida que fosse crescendo iria aumentando. Sua causa principal não sabiam qual era. Teria sido várias dosagens de medicamento, para sua idade ou teria sido uma negligência médica. Começou a estudar com muito sacrifício; começou a usar o primeiro aparelho com Sanos, o que a ajudou bastante. Se sentia a vontade de falar, de cantar, mas não tinha ritmo, poucas palavras pronunciava e todos riam dela, mas sua vontade era sempre realizada. Na adolescência frequentou escola normal, como qualquer pessoa, foi recebida com toda atenção e seus problemas não existiam, era bem aceita.

José Jonnat Barboza Guimarães

Nasceu em 22 de fevereiro de 1991, com uma pequena deficiência no seu aparelho auditivo, com a orelha direita tampada por má formação, era vítima de muito bullying na escola, por não ouvir direito e por sua deficiência física. Aos 14 anos iniciou seu aprendizado nas aulas de violão, no qual pode aperfeiçoar sua técnica tocando na igreja evangélica Congregacional de Sumé. Em 2011 entrou na filarmônico Maestro Antônio Josué de Lima em Sumé, onde aprendeu a ler partitura e enriquecer seu conhecimento na área, hoje coordena uma fanfara no distrito de Santa Luzi do Cariri, que pertence a Serra Branca.

Neste pequeno relato que eles fazem a respeito da sua infância e adolescência. Os dois me revelaram que tiveram mais ou menos os mesmos problemas, em que um sofreram bullying na escola que eles frequentavam, por causa das suas deficiências.

Para Jonnat, que nasceu sem a orelha esquerda, isso durante toda a sua infância e adolescência se tornou para ele um sério problema, em que as outras crianças ficavam rindo dele. Muitos não tinham consciência do que aquilo poderia causar para ele.

Para Jailma, que teve a sua deficiência descoberta aos 5 anos de idade, conta-nos que, os seus pais começaram a desconfiar que ela tinha alguma coisa por que ela só ouvia música e assistia TV no volume máximo, e, também notavam que ela era muito quieta e que as vezes quando ela ia responder ou perguntar alguma coisa ela só falava em voz alta, e muitas vezes ela não ouvia a sua mãe ou o seu pai chamar. Na escola ela falou que quando estudava em uma escola particular não sentiu nenhuma dificuldade no seu aprendizado e ela conseguiu a aprender a ler e escrever sem nenhum problema, pois as professoras davam total atenção a ela. Quando ela foi para o Ensino Fundamental II foi onde ela começou a passar necessidades,

porque os professores só davam aula de costas para ela e isso a impedia de fazer a leitura labial dos professores, para ela esse tempo foi um martírio, pois os colegas de classe ficavam rindo da sua voz e isso a deixava triste, mas também tinha os seus amigos que já vinham da outra escola e eles lhe ajudavam nos seus trabalhos, e também ela tinha a ajuda dos seus pais e foi por isso que ela não desistiu dos seus estudos.

Depois desses dois relatos fiz a primeira pergunta para os dois e tive respostas muito interessantes, na qual eu pude notar o quanto a música influenciou os dois.

Jailma

- 1- Como era a sua relação com a música na infância e na adolescência?

Na minha infância sempre gostei de música sentia vontade de cantar mas não tinha ritmo, pouca palavra pronunciava. Na adolescência não deixava de escutar música, tinha um órgão musical participou do ministério de música. Gostava de escutar os sons, a melodia e o ritmo.

Jonnat

- 1- Como era a sua relação com a música na infância e na adolescência?

Gostava muito de ouvir musicas que passavam nos programas de televisão, além de admirar seu primo sanfoneiro que tocava em festas.

Nessa pergunta eu pude observar o quanto a relação dos dois com a música foi importante. Eles me responderam que a música sempre fez parte das suas vidas:

Para Jailma, desde criança queria cantar e também quando ela entrou no Ministério de Música e começou a aprender a tocar um instrumento musical. Depois, ela me falou que gostava mais de ouvir os instrumentos musicais e mais a parte da melodia das músicas.

Para Jonnat, a música veio por meio do seu primo que tocava sanfona e isso lhe chamava a atenção, depois ele começou a aprender a tocar violão e a participar da Filarmônica da cidade. A música na vida deles tem uma função não só de elemento de inclusão, mas de uma porta que se abriu para eles.

A próxima pergunta que eu fiz para os dois foi para saber como eles conseguiam identificar as músicas que eles ouviam. Para essa pergunta eu observei que os dois deram respostas bem diferentes.

Jailma

- 2- Como você identificava as músicas?

O costume de ouvir diariamente conhecia os sons, forró, samba, pagode o ritmo dele, não escutava as letras da música só a melodia. Ouvir o discurso não verbal(música) desprezava o discurso verbal(letra)

Jonnat

2- Como você identificava as músicas?

Pelas letras que conduzia com os momentos de sua vida.

Analisando as respostas dos dois pude notar que eles identificavam as músicas de maneiras diferentes. Para Jailma, a forma que utilizava para identificar era ouvindo repetidamente as músicas até aprendê-las. Para Jonnat, já ia identificando através das letras das músicas, assim ele sabia qual era a música que ele estava aprendendo a tocar.

No entanto, o que fica claro aqui é o fato dessas pessoas terem uma vida musical ativa, reforçando a ideia de que devemos respeitar a forma dos surdos conviverem com a música e, partir disso poder pensar uma Educação Musical contextualizada com o universo dos surdos que fazem música, pois, estes podem apontar chaves importantes para a construção dessa Educação Musical Exclusiva que possa ser inclusiva na vida dos surdos desde a primeira infância. Será de um grande desafio, mas, é desafio que se vive a vida. Para Sá:

Nem todos os surdos podem usar resíduos auditivos para apreciar a música, mas todos podem usar sua inteligência para compreender a música. As pessoas surdas podem perceber o ritmo, a dinâmica da música, o timbre do cantor, as vibrações, mas tudo isto tem que ser apresentado num contexto significativo, não num contexto mecânico, dificultoso, obrigatório (SÁ, 2002, p. 40).

Na última pergunta, indaguei como eles faziam para se distrair com a música.

Jailma

3- Como você se distraia nos seus dias triste?

Ouvia música, me distorcia e esquecia dos problemas. Como hoje eu tive a perca maior com 90% encontrei outras formas de escutar pelo fone do celular. Hoje eu sou feliz, cheia de sonhos e que enfrentei preconceito, barreiras e lutei pela minha própria vida. Você Érico, aqui conversando comigo, observou o quanto é difícil, você lutar por ideal de vida em um mundo preconceituoso, enquanto a vida é tão maravilhosa, pois VIVER é o que importa.

Ela prefere ouvir o cd porque o celular é muito agudo. Por preferência ouve sons muitos graves.

Esse momento foi muito importante, pois Jailma aponta justamente para essa ideia central que temos como ponto de saída da resolução do nosso problema que é justamente a

escuta das vibrações, principalmente, das frequências graves. Claro que, o que apontamos aqui, não se trata de uma única verdade sobre a “escuta surda”, mas aponta para uma importante forma dos surdos de sentir e conviver com a música e, isso se configura como uma importante chave para resolver o problema de não termos uma Educação Musical Exclusiva e Inclusiva para Surdos.

Jonnat

3- Como você se distraia nos seus dias triste?

Gostava de ler e escrever as músicas que passavam nos programas de rádios e na televisão e poder viajar nas suas melodias. Ajudando assim a passar pelos momentos turbulentos que a vida nos proporciona.

A forma de Jonnat escutar música, com apenas, por possuir só um ouvido do lado esquerdo, mas tendo toda a audição do outro ouvido. A sua capacidade auditiva, nos leva a ideia de que as escutas surdas são variadas e, portanto, suscitam mais pesquisas dessa natureza em níveis mais profundos que podem ser alcançados em programas de mestrado e doutorado, pois aqui nessa breve pesquisa, quisemos apenas apontar para a existência do problema e possíveis chaves para serem investigadas como possíveis soluções. Tratou-se de uma breve monografia que buscou a densidade possível e que, não pretende estancar aqui. Por último, eu pude refletir como a música é marcante na vida deles, e como ela os ajuda a se sentirem melhor e, a superar problemas.

Fazer essa experiência com duas pessoas que são surdas, para mim foi de um grande aprendizado, pois pude ver como é a vida dessas pessoas que, eu observei e tive o prazer de entrevistar, vi que a música pode mudar a vida das pessoas, principalmente, as pessoas com deficiência. Escolhi os surdos por que sempre tive a curiosidade e por que tenho amigos que são surdos. Vi que a música não é simplesmente um objeto para distrair as pessoas, mas sim como um elemento que pode fazer com que as pessoas com deficiências possam ter a música como um apoio e, através dela possam ser vistos como pessoas que tem deficiência, mas que sabem enfrentar a vida sem precisar ser tratado como um pobre coitado, pois para nós que temos deficiência a vida não é fácil, no entanto, sempre devemos estar em busca dos nossos sonhos e objetivos e que, não devemos desperdiçar um só momento com pequenos problemas que apareçam em nossas vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Venho concluir este trabalho monográfico trazendo para vocês toda a experiência adquirida sobre o assunto que foi pesquisado. Pesquisa essa que me fez refletir sobre um problema que está em nossa frente e que muitas vezes nós não queremos enxergar que é sobre a inclusão das pessoas com deficiência seja ela de locomoção, mental, visual ou auditiva. No caso dessa pesquisa, enfatizamos os surdos e as suas vivências com arte de combinar sons, a música. Enfocamos o universo dessas pessoas que, por muitas vezes são tratados pela nossa sociedade como pessoas que não tem nada na cabeça. Suas experiências com a música que, pode parece em primeira mão algo impossível, nos revela o contrário do que é alimentado pelo preconceito. Seguindo, pude observar nesse trabalho parte da evolução dessas pessoas que, em contato com a música, puderam melhorar o desenvolvimento de suas próprias identidades.

No entanto, entendemos que, uma Educação Musical como facilitadora da aprendizagem musical do surdo só será possível se esta educação musical se voltar para o universo da escuta musical surda, através de pesquisas que tragam a luz da ciência uma forma exclusiva de ensinar música para os surdos que, só os surdos serão capazes de nos dizer, ou mesmo de nos fornecer subsídios para a construção de uma metodologia adequada com suas realidades físicas, culturais e biológicas.

Por fim quero concluir este trabalho mostrando que os deficientes auditivos conquistam seus espaços musicais de forma empírica dentro da sociedade brasileira e, isso tem que ser respeitado e visto como um grito que clama por mais inclusão. Nós estamos aqui e, foi por esse e outros motivos que eu fiz a minha pesquisa utilizando a música na vida dos surdos que, em se tratando de música, essa foi o meu porto seguro durante muitos anos me mostrando o poder que ela tem. A música pode transformar as nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BLACKING, John. **Music, culture, and experience**. In: Music, culture e experience – selected papers of John Blacking; edited and with an introduction by Reginald Byron; with a foreword by Bruno Nettl. Chicago and London: University of Chicago Press, 1995. P. 223-242.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Casa Civil. Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11769.htm. Acesso em: agosto de 2017.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Casa Civil. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm >. Acesso em: agosto de 2017.

CORDOVA, Bianca Carrijo; TACCA, Maria Carmem V. R. O intérprete de língua de sinais e a ação pedagógica no processo de aprendizagem do sujeito surdo. In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjans; TACCA, Maria Carmem Vilela Rosa (orgs). Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas: Editora Alínea, 2011.

GIL, Antônio Carlo. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas .2012

GOMES DA SILVA, Maria Lucia Pascoal- São Paulo Fundação Editora da UNESP; 1991.
HAGUIARA-CERVELINE, Nadir. A musicalidade do surdo: representação e estigma/ Nadir Haguiara-Cerveline-2 ed- São Paulo; Plexos editora ,2003.

NEVES, Maria Tereza de Souza. A formação musical na Paidéia Platônica. In: SIMPÓSIO DE ESTÉTICA E FILOSOFIA DA MÚSICA. SEFiM/UFRGS v.1, n.1, 2013. **Anais**. Porto Alegre – RS, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/viewFile/76/103>. Acesso em jul 2017.

PENNA, Maura. Música (s)e seu ensino/ Maura Pena, 2 ed, Porto Alegre: Sulina. 2010.
SÁ, Nídia Regina. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SCHAFFER. R Murray O ouvido pensante/ R. Murray Schaffer, tradução Marisa Trench de O. Fonterrada. Magda

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Entrevista 1

Ja

Nasceu no dia 4 de junho de 1982, gozando de boa saúde, mas em pouco meses, sem ter ainda um ano de vida, seu castelo se desmoronou, seu choro incessante dia e noite levaram ao desespero de seus pais, levaram a vários médicos de várias cidades porque notavam algo de estranho em seu comportamento, sempre triste e calada e bem diferente dos outros. Porque não escutava, restavam pouco ou quase nada de sua audição, estava bem comprometida e a medida que fosse crescendo iria aumentando. Sua causa principal não sabia qual era. Teria sido vários dosagens de medicamento, para sua idade ou teria sido uma negligência médica. Começou a estudar com muito sacrifício começou a usar o primeiro aparelho com Sanos, o que a ajudou bastante. Se sentia a vontade de falar, de cantar, mas não tinha ritmo, poucas palavras pronunciava e todos riam dela, mas sua vontade era sempre realizada. Na adolescência frequentou escola normal, como qualquer pessoa, foi recebida com toda atenção e seus problemas não existiam, era bem aceita.

4- Como era a sua relação com a música na infância e na adolescência?

Na minha infância sempre gostei de música sentia vontade de cantar mas não tinha ritmo, pouca palavra pronunciava. Na adolescência não deixava de escutar música, tinha um órgão musical participou do ministério de música. Gostava de escutar os sons, a melodia e o ritmo.

5- Como você se identificava as músicas?

O costume de ouvir diariamente, conhecia os sons, forró, samba, pagode o ritmo dele, não escutava as letras da música só a melodia. Ouvir o discurso não verbal(música) desprezava o discurso verbal(letra).

6- Como você se distraia nos seus dias triste?

Ouvia música, me distorcia e esquecia dos problemas. Como hoje eu tive a perca maior com 90% encontrei outras formas de escutar pelo fone do celular. Hoje eu sou feliz, cheia de sonhos e que enfrentei preconceito, barreiras e lutei pela minha própria vida. Você Érico aqui conversando comigo observou o quanto é difícil, você lutar por ideal de vida em um mundo preconceituoso, enquanto a vida é tão maravilhoso e VIVER é o que importa. Ela prefere ouvir o cd porque o celular é muito agudo. Por preferência ouve sons muitos graves.

Entrevista 2

JJ

Nasceu em 22 de fevereiro de 1991, com uma pequena deficiência no seu aparelho auditivo, com a orelha direita tampada por má formação, era vítima de muito bullying na escola, por não ouvir direito e por sua deficiência física. Aos 14 anos iniciou seu aprendizado nas aulas de violão, no qual pode aperfeiçoar sua técnica tocando na igreja evangélica Congregacional de Sumé. Em 2011 entrou na filarmônica Maestro Antônio Josué de Lima em Sumé, onde aprendeu a ler partitura e enriquecer seu conhecimento na área, hoje coordena uma fanfara no distrito de Santa Luzi do Cariri, que pertence a Serra Branca.

4- Como era a sua relação com a música na infância e na adolescência?

Gostava muito de ouvir músicas que passavam nos programas de televisão, além de admirar seu primo sanfoneiro que tocava em festas e o atender seus pedidos de palhinhas.

5- Como você se identificava as músicas?

Pelas letras que conduzia com os momentos de sua vida.

6- Como você se distraia nos seus dias triste?

Gostava de ler e escrever as músicas que passavam nos programas de rádios e na televisão e poder viajar nas sua melodias. Ajudando assim a passar pelos momentos turbulentos que a vida nos proporciona.